

INVESTINDO NO

MERCADO DE CAPITAIS COM SEGURANÇA

O mercado de capitais é fundamental para o desenvolvimento da economia de um país. No Brasil, dada nossa natureza e cultura socioeconômica, não temos o hábito de aplicar os nossos excedentes financeiros neste mercado, devido a uma série de fatores: insegurança, falta de conhecimento sobre seus mecanismos de funcionamento, entre outros.

O professor Juliano Lima Pinheiro, profissional de mercado, altamente capacitado e qualificado com Doutorado e Mestrado em Ciências Contábeis, MBA e Especialização em Finanças esclareceu muito a respeito, para profissionais e leigos.

AUTOR:

JOÃO CARLOS KJELLIN
MESTRE EM CONTABILIDADE E
FINANÇAS, PROFESSOR DO CURSO
DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS DO
UNIBRASIL CENTRO UNIVERSITÁRIO

Todos fomos incentivados a ter sucesso na carreira profissional, mas não fomos preparados para trabalhar com o nosso dinheiro. Atualmente, lentamente começamos a melhorar a nossa educação financeira e temos observado, nos últimos anos, um aumento significativo nas aplicações em ações, e fugindo aos poucos das aplicações em cadernetas de poupança, que ainda é considerada pela maioria da população como a aplicação mais segura quando comparada com outros países onde o investimento em ações já está enraizada em sua cultura. É muito comum perguntarmos para jovens americanos e europeus onde irão investir seus recursos para sua aposentadoria e a resposta é simples e direta: em ações.

Quando estudamos a macroeconômica na formação e distribuição do produto e da renda gerados pela atividade econômica a partir de um fluxo contínuo de recursos, é quando começamos a entender os chamados agentes macroeconômicos. Eles são os responsáveis diretos pelas ações econômicas que desenvolvem o sistema e podem ser agrupadas em função de sua natureza de em quatro grupos: famílias, empresas, governo e setor externo. As famílias são todos os tipos de unidades domésticas, unipessoais ou familiares que formam o potencial de recursos para o processamento de atividades produtivas. As empresas são os agentes econômicos para os quais convergem os recursos da





Juliano Lima Pinheiro.

produção disponíveis e reúnem todas as unidades produtoras dos setores primários, secundário e terciário. As empresas reúnem, organizam e remuneram os fatores de produção fornecidos pelas unidades familiares. O governo é um agente coletivo que contrata diretamente o trabalho de unidades familiares e que adquire uma parcela da produção das empresas para proporcionar bens e serviços úteis à sociedade como um todo. E o setor externo envolve todas as transações econômicas entre unidades familiares, empresas e o governo do país com agentes semelhantes de outros países.

Todas as economias necessitam de crescimento e desenvolvimento para proporcionar aos seus agentes um nível melhor de vida. Para que haja essa expansão, é preciso que as empresas façam investimentos para acumulação de capital produtivo e aumento de sua produtividade. Os investimentos efetuados na economia podem ser considerados a mola propulsora do crescimento econômico. Para que isso ocorra, é necessário que a poupança seja canalizada para esse fim.

Nos estudos realizados pela Tendências-Consultoria Integrada, existem três caminhos para associar a poupança ao investimento:

- 1) autofinanciamento, em que as empresas geram internamente seus próprios recursos (lucro);
- 2) governo, quando financia certas atividades usando a arrecadação de tributos ou a imposição de mecanismos compulsórios de poupança;
- 3) financiamento por meio do mercado financeiro e de capitais.

No mercado financeiro, os intermediários financeiros têm como função a aproximação dos agentes superavitários, que têm excesso de recursos, mas não têm oportunidade de investi-los em atividades produtivas, e no outro lado os agentes deficitários que estão na situação inversa. Desta forma, os intermediários financeiros viabilizam o aproveitamento desses recursos disponíveis e promovem o aumento da produtividade da economia. Porém, a canalização de recursos financeiros dos agentes superavitários para as empresas representa um aumento em endividamento e, conseqüentemente, comprometimento dos resultados futuros. Já a canalização de recursos por meio do mercado de capitais, dá-se pela busca de novos sócios para os empreendimentos que as empresas necessitam fazer.

Neste cenário, as empresas em fase de crescimento necessitam de recursos para financiar seus projetos de expansão. O

risco do projeto recomenda que exista um balanceamento entre o financiamento com recursos de terceiros e próprios.

A captação de recursos por meio de fontes externas aumenta o nível de endividamento das empresas devido a alta taxa de juros, os prazos para liquidação são limitados, as empresas são obrigadas a aderir a condições contratuais impostas unilateralmente pelos agentes financeiros. Por outro lado, no lançamento de debêntures ou ações são os subscritores que aderem às condições e cláusulas impostas pelas empresas emissoras.

Porém, quando as empresas precisam fortalecer seu capital de giro, nem sempre os atuais acionistas são capazes de subscrever a totalidade das ações de uma nova emissão. Nesse caso, é necessário que mais pessoas se associem àquela empresa. É neste momento que a abertura de capital de uma empresa é uma fonte alternativa de recursos e apresenta



Rubens Vieira, Cesar Augusto Gaertner, João Carlos Kjelin, Juliano Lima Pinheiro, Odirlei Adir Tedesco, Flavio Azanha.



Juliano Lima Pinheiro.

grandes vantagens sobre os recursos ofertados pelas instituições financeiras.

As vantagens para a abertura do capital das empresas com a emissão de novas ações no mercado são: não acarretam encargos fixos para as empresas; não têm prazo de resgate; abastecem com uma garantia maior contra perdas para os credores das empresas. Isso significa que a venda de ações ordinárias aumenta o crédito de valorização das empresas, entre outras. Entretanto, existem algumas desvantagens principalmente na venda de novas ações ordinárias, em que se estendem o direito a voto ou controle da empresa aos novos controladores das ações.

O mercado de capitais e, especificamente, o mercado primário de ações, constituem possibilidades importantes para a captação de recursos para a realização dos investimentos necessários pelas empresas com a diluição

dos riscos, o que representa uma das maiores vantagens para o desenvolvimento econômico.

O mercado acionário pode ser dividido em duas etapas: mercado primário e mercado secundário.

O mercado primário é onde se negocia a subscrição (venda) de novas ações para as pessoas ou empresas que buscam as melhores oportunidades de investimento para seus recursos. Ele se caracteriza pelo encaixe de recursos nas empresas. Nesta etapa, ocorre a primeira negociação da ação e o dinheiro da venda vai totalmente para a empresa emissora. Assim, o mercado primário exerce sua função de canalizar recursos dos que poupam para o investimento nas atividades produtivas.

Já no mercado secundário é onde se apresentam as transações entre compradores e vendedores de ações, não ocorrendo nenhuma alteração financeira na empresa.

Nessa fase, ao fim de um período, o investidor desejará converter as aplicações realizadas novamente em dinheiro, vendendo suas ações para um futuro comprador que não adquiriu as ações no momento da emissão primária.

Neste sentido, mercado de capitais representa um conjunto de instituições e de instrumentos que negociam com títulos e valores mobiliários, objetivando a canalização dos recursos dos agentes compradores para os agentes vendedores. Com características de aplicação e captação direta de recursos de médio e longo prazos. Ou seja, o mercado de capitais representa um sistema de distribuição de valores mobiliários que tem o propósito de viabilizar a capitalização das empresas e dar liquidez aos títulos emitidos por elas.

O surgimento do mercado de capitais ocorreu quando o mercado de crédito deixou de atender às necessidades da atividade produtiva, no sentido de garantir um fluxo de recursos nas condições adequadas em termos de prazo, taxas e exigibilidades. Desse modo, seu surgimento foi fundamento em dois princípios: 1) contribuir para o desenvolvimento econômico, atuando como propulsor de capitais para os investimentos, estimulando a formação da poupança privada; e 2) permitir e orientar a estruturação de uma sociedade pluralista, baseada na economia de mercado, permitindo a participação coletiva de forma ampla na riqueza e nos resultados da economia.

O sistema de distribuição e prestação de serviços do mercado de capitais brasileiro é composto por sociedades corretoras de valores mobiliários, sociedades distribuidoras de valores mobiliários, bancos de investimentos e bancos de desenvolvimento. Existindo também, as empresas de liquidação

e custódia de valores.

Podemos, ainda, subdividir o mercado de capitais em dois grandes grupos: um institucionalizado e um não institucionalizado.

O segmento não institucionalizado é aquele que não está sujeito à regulamentação e ao controle das autoridades governamentais. Nesse mercado, as negociações são de forma direta entre empresas e investidores sem a participação de instituições financeiras. Geralmente, as negociações desse mercado ocorrem no mercado de balcão.

No segmento institucionalizado, as operações realizadas são controladas pelos órgãos de controle e acompanhamento de mercado. O sistema de regulação do mercado de capitais brasileiro é formado por quatro principais organismos: o Conselho Monetário Nacional, A Comissão Técnica da Moeda e do Crédito, o Banco Central do Brasil e a Comissão de valores mobiliários. Cada uma exercendo uma ou mais funções de normatização, regulamentação, fiscalização e assessoria relativas às atividades do sistema distribuidor de títulos e valores mobiliários. Exercem, ainda, igualmente papel relevante as entidades auto reguladoras, como é o caso das bolsas de valores e de mercadorias, que no Brasil é representada pela B3.

Para realizar o monitoramento do mercado a CVM - Comissão de Valores Mobiliários utiliza sistemas on line e off line. O controle on line ocorre durante os pregões e o off line ocorre durante a noite, após o encerramento das operações, com o objetivo de rastrear as causas das variações que não se enquadram nos limites previamente estabelecidos.



O palestrante Juliano Lima Pinheiro, Martin Morães e Marcos Valle.

Além dos controles realizados pela CVM, existem também os executados pela própria B3 que garantem e protegem os clientes que acompanham o mercado. Um exemplo desse acompanhamento é o sistema Circuit Braker, que interrompe o pregão sempre que ocorrem oscilações bruscas nos preços das ações.

O Circuit Braker é o mecanismo utilizado pela B3, a bolsa de valores brasileira que permite, na ocorrência de movimentos bruscos do mercado, o amortecimento e o rebalanceamento das ordens de compras e de venda. Esse instrumento constitui-se em um “escudo” à volatilidade excessiva em momento atípico do mercado.

O mecanismo do Circuit Braker está baseado em duas regras: 1) quando o índice Ibovespa atingir uma baixa de 10% em relação ao índice de fechamento do dia anterior, os negócios na B3, em todos os mercados, serão interrompidos por 30 minutos. 2) reabertos os

negócios, caso a variação do Ibovespa atinja uma oscilação de 15% em relação ao índice de fechamento do dia anterior, os negócios na B3, em todos os mercados, serão interrompidos por uma hora.

Além destas regras existem outras regras gerais a serem seguidas, como os mecanismos de garantia que são administrados pelas câmaras de compensação.

Até 1999, o mercado de capitais brasileiro era composto por nove bolsas de valores distribuídas pelas diversas regiões do país. Com a assinatura dos acordos de integração em 2000, que uniram as bolsas de valores, o mercado de capitais brasileiro tornou-se integrado, em âmbito nacional, com a participação de sociedades corretoras de todas as regiões brasileiras. Esse movimento de unificação do mercado de ações brasileiro representa uma tendência internacional. Conforme estudos realizados, conclui-se que o mercado secundário

brasileiro necessitava de ganhos em escala, isto é, ganhar volume e velocidade nas transações em nível nacional, permitindo às sociedades corretoras oferecerem seus serviços com custos reduzidos e maior eficiência.

Neste movimento de unificação das bolsas de valores, no dia 4 de julho de 2008, foi anunciada a fusão entre a Bovespa Holding S.A. e a BM&F S.A., criando a BM&FBovespa S/A. A soma do valor de mercado das duas bolsas resultou na terceira maior bolsa mundial em valor de mercado em preços de maio de 2008, atrás apenas da alemã (Deutsche Börse) e da americana (Chicago Mercantile Exchange). Em março de 2017 foi anunciada a criação da B3, em referência as letras iniciais de Brasil, Bolsa, Balcão é a combinação de atividades da BM&FBOVESPA, bolsa de valores, mercadorias e futuros, com a CETIP, empresa prestadora de serviços financeiros no mercado de balcão organizado. Essa combinação consolidou a atuação da Companhia como provedora de infraestrutura para o mercado financeiro, permitindo a ampliação do leque de serviços e produtos oferecidos aos seus clientes e a criação de eficiências para a Companhia e para o mercado.

O tema desta palestra - Investindo no Mercado de Capitais com segurança - nos leva a refletir: investir em ações? Investir em ações costuma assustar a maioria das pessoas, pois logo relacionam o mercado de capitais a um grande cassino, um mercado muito arriscado, em que apenas os mais ágeis, mais bem informados e habilidosos se dão bem, enquanto a maior parte dos investidores perdem parcelas valiosas de suas suadas economias. Essa visão se deve, de um modo geral, a uma falta de cultura de investimentos em renda variável no país, além de um baixo conhecimento por parte das pessoas sobre como realmente

funciona a bolsa de valores e o mercado de ações, e qual o seu real propósito, acreditando que a única estratégia viável (e “vencedora”) no mercado é a de comprar e vender no curto prazo. Além disso, como o Brasil sempre foi um país de juros elevados, e os poucos poupadores sempre preferiram aplicar seus recursos em renda fixa, na caderneta de poupança, afinal qual o motivo de se “arriscar” em ações se é possível ganhar, talvez, até mais e com mais segurança, em renda fixa?

Esses e outros fatores acabaram por afastar as pessoas da bolsa de valores ao longo do tempo e hoje, no Brasil, segundo os dados B3, a bolsa possui pouco mais de 500 mil investidores cadastrados, o que equivale a cerca de 0,17% da população.

O tema abordado nesta palestra ajudará a comunidade acadêmica de um modo geral a melhorar o entendimento do real propósito e das vantagens de se investir em ações, com a visão no longo prazo, assumindo a postura de sócio e com objetivo voltado para a participação de seus resultados.

A visão futura é sombria, principalmente para os futuros aposentados, que não poderão contar com os valores recebidos da Previdência Social para a subsistência, sendo assim, é melhor mudar esse cenário ao longo do tempo.

Esta palestra, ministrada pelo professor e pesquisador em Finanças do Departamento de Ciências Contábeis da UFMG, foi também ocasião de lançar em Curitiba seu livro Mercado de Capitais, patrocinado e recomendado pela B3. Um bom momento para professores e estudantes. ■

